

# DOS ENIGMAS DA INFÂNCIA: QUANDO A TRANSEXUALIDADE TENSIONA OS SCRIPTS DE GÊNERO<sup>1</sup>

Jaime Eduardo Zanette  
Jane Felipe

## RESUMO

Este estudo busca discutir e tencionar a construção dos *scripts* de gênero nas infâncias, em especial no que se refere à transexualidade. Valendo-se do aporte teórico dos Estudos de Gênero, de inspiração pós-estruturalista, dos Estudos *Queer* e demais estudos que abordam as questões do universo “trans”, o trabalho tem por objetivo perceber as situações que estão em jogo na Educação Infantil quando o assunto se refere à constituição de gênero e sexualidade das crianças, especialmente em relação ao tema da transexualidade. Mais especificamente, em que medida os comportamentos infantis podem ser interpretados como possíveis manifestações de transexualidade nesse período. A metodologia utilizada foi a da entrevista-narrativa com três mulheres trans e três homens trans. Para estruturar e analisar o material empírico contamos especialmente com os aportes teóricos de Silva e Oliveira (2015), Felipe, Guizzo e Beck (2013), Reidel (2013), Santos (2012), Bento (2008), César (2009) e Andrade (2008). A partir desse movimento analítico, foram levantadas três categorias que emergiram das narrativas. Assim, pode-se perceber que a transexualidade é uma expressão identitária de caráter contingente, que sofre constantemente regulações heteronormativas de ordem social e familiar. Também foi possível constatar o quanto a escola de Educação Infantil é um ambiente generificado, onde

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do trabalho de conclusão de curso produzido no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil oferecido pela Faculdade de Educação da UFRGS em parceria com o MEC (2ª Edição), intitulado “*Dos enigmas da infância: transexualidade e tensionamentos dos scripts de gênero*”, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Felipe.

a norma de gênero em uma vertente binária se instala, vigiando e regulando os corpos infantis. Assim, as redes de (in)formação aparecem como uma proposta que envolve a ampliação de conhecimento das famílias e educadoras/es que atuam diretamente com as crianças, possibilitando práticas de valorização da diversidade e de liberdade de expressão para as infâncias.

**Palavras-chave:** Infâncias. Transexualidade. *Scripts* de gênero. Educação Infantil.

## PARA INÍCIO DE REFLEXÃO: CRIANÇAS EM CORPOS ERRADOS?

Menino que se sente menina? Menina que se sente menino? Estes sujeitos estão em corpos errados? Como a escola trabalha com essas questões? Como foi a infância de sujeitos adultos que vivem/viveram nessa condição?

Valendo-se do pressuposto apontado por Jorge Larrosa (2011), Maria Isabel Edelweiss Bujes (2002) e Jane Felipe, Bianca Salazar Guizzo e Dinah Quesada Beck (2013) de que o conceito de infância é algo que nos escapa, resolvemos operar com tais concepções juntamente com as teorizações sobre a transexualidade, em especial quando esta se manifesta desde a mais tenra idade.

Dessa forma, valem-nos do termo *enigma*<sup>2</sup> baseados no sentido etimológico de tal palavra que sustenta a perspectiva de Larrosa (2011). Assim, acreditamos que discutir infância e transexualidade é transitar por conceitos contingentes, provisórios, obscuros e escorregadios, que tencionam a concepção enigmática da(s) infância(s) oportunizando um exercício investigativo em constante movimento, que se propõe a analisar a complexidade dos sujeitos.

Tal trabalho se propõe a trazer para nossa agenda de reflexões no campo da educação infantil uma temática que em geral é ignorada, pouco conhecida ou ainda tratada com repressão: a construção dos *scripts* de gênero e, dentro desse complexo movimento, a transexualidade e suas manifestações na infância (FELIPE; GUIZZO, 2016).

Resolvemos então, investir em uma pesquisa que pudesse compreender um pouco mais acerca de tais conceitos, especialmente no que se refere àquelas

2 Palavra que deriva do Latim *aenigma*, do Grego *aínigma* de *ainíssensthai*: “Falar em sentidos ocultos”, de *ainos*, “dito, conto, discurso”. Etimologicamente, a palavra teve origem na década de 1620, a partir do latim *aenigmaticus* e do grego *ainigmatikós*. A palavra *enigmático* tem como base o vocábulo **enigma**, que, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (2010) significa “*jojo de espírito em que se propõe a decifração de uma coisa que é descrita em termos obscuros, ambíguos*” e no sentido figurado, refere-se à “*frase obscura / coisa difícil de definir, de conhecer a fundo, de compreender*”.

crianças que fogem às normas binárias estabelecidas pela cultura. Cabe lembrar que os estudos de gênero têm trazido à discussão do quanto somos sujeitos de identidades múltiplas, fazendo-se necessária a investigação profunda das situações que nos interpelam. Portanto, as questões principais de pesquisa aqui colocadas são as seguintes: quais são as situações que estão em jogo na Educação Infantil quando o assunto é a constituição de gênero e sexualidade das crianças? Em que medida a transexualidade pode-se manifestar na infância e de que forma ela pode ser compreendida ou confundida com as posições de sujeito propostas para o masculino ou feminino?

Acreditamos ser pertinente uma análise mais profunda sobre essas crianças que não correspondem às normas preestabelecidas em relação às expectativas de gênero. Afinal, vivemos ainda atravessados por vários discursos – o discurso científico, em especial o discurso médico, o discurso psicológico, o discurso jurídico, o discurso religioso (cristão, ocidental, branco). Tais discursos, cada um à sua maneira, veiculam concepções normalizantes, pautados muitas vezes em concepções distintas sobre o masculino e o feminino. Desses dois corpos, produzem-se, com base na biologia, os gêneros masculino e feminino, conforme as concepções sociais, históricas e culturais.

Sendo assim, buscamos aprofundar os conceitos dos *Estudos Queer* e da transexualidade para perceber a (in)existência de uma identidade de infância trans<sup>3</sup>, ressaltando a importância dessas imbricações para a formação docente.

## TRANSEXUALIDADE E SCRIPTS DE GÊNERO

Iniciamos nossa argumentação recorrendo às contribuições de Michel Foucault (2015), quando salienta que as contínuas transformações dos últimos três séculos causaram uma verdadeira explosão discursiva no que diz respeito ao sexo. Através do estudo que o filósofo francês desenvolveu, as temáticas de corpo, sexualidade, discurso e poder tornam-se sólidas para uma investigação que prima pelas questões identitárias dos indivíduos. Afinal, a história da sexua-

---

<sup>3</sup> A partir das considerações de Jaqueline Gomes de Jesus (2012), adotamos o termo *trans* com a intenção de nos referirmos às crianças e infâncias aqui analisadas. As pesquisas desenvolvidas sobre o tema, como as de Alexsander Lima da Silva e Adélia Augusta Souto de Oliveira (2015), Marina Reidel (2013), Jane Felipe (2012), Dayana Brunetto Carlin dos Santos (2012), Berenice Bento (2008) e Maria Rita de Assis César (2009), utilizam a terminologia de transexual/transsexualidade/transsexualização, o que manteremos fielmente, tendo em vista todo o potencial de cada investigação para demonstrar as nuances de significados que cercam tais termos.

lidade, na perspectiva foucaultiana, retrata os discursos sobre a sexualidade que apontam como a sexualidade foi/vem sendo construída ao longo do tempo e que incitam de forma modeladora (através das relações de poder e impressas nos discursos) determinados modos de proceder, de pensar e de conhecer os corpos. Louro (2008) ainda destaca que a sexualidade se tornou, nos últimos tempos, efetivamente, “uma questão”, na medida em que os cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos e educadores passaram a dedicar seu olhar para esse tema.

Jeffrey Weeks (1999, p. 51), recorrendo às teorizações foucaultianas, salienta que o período moderno é formado por uma sociedade disciplinar que vigia e controla os corpos por meio das relações de poder. Mais do que vigiar é preciso construir um sistema capaz de moldar (sujeitar) o indivíduo, para que ele se torne passivo, útil e disciplinado, de acordo com os ditames da cultura na qual está inserido.

Dessa forma, utilizamos aqui o conceito de heteronormatividade, que mostra o quanto as regulações sociais têm a pretensão de criar determinadas posições de sujeito, inclusive no que se refere à sexualidade. Ou seja, uma norma que confere poder àqueles indivíduos que se relacionam com o sexo oposto, como estratégia de mecanismo de continuidade da espécie, desencadeia o preconceito e a exclusão dos homossexuais.

Assim, forjado na ordem da “anormalidade”, embora tenha existido em todos os tempos e configurações sociais, a homossexualidade se institucionalizou a partir do século XIX, tornando-se uma categoria científica (SILVA, 2012). Mesmo inicialmente tendo construído a ideia de uma natureza diferente ou natureza homossexual, também possibilitou a expansão de novas perspectivas médicas e psicológicas.

Sabemos que os movimentos homossexuais emergiram das subculturas urbanas, marcando assim as relações de resistência à norma, configurando o que Foucault denominou de “jogos de poder”. Louro (2008) traça um histórico do movimento homossexual que “nasceu” na clandestinidade e veio marcando uma política de diversidade identitária.

Em meio a essas variadas expressões e movimentos em prol de uma política identitária que lutava por reconhecimento e legitimação, surgiu a vertente dos Estudos *Queer*, que veio primando por uma política da pós-identidade

(LOURO, 2001). Dessa forma, as reflexões e críticas estabelecidas pelos movimentos *gays* e lésbicos feministas possibilitaram um novo olhar para a constituição identitária dos sujeitos, na medida em que buscavam romper com uma definição uniforme de identidade homossexual. Assim, os Estudos *Queer* são encarados como uma política da diferença, na medida em que problematizam a visão de identidade de caráter fixo e único.

O primeiro alvo dessa vertente, sustentada pela teórica Judith Butler, é a crítica ao conceito de identidade baseada na relação sexo-gênero-sexualidade. Para a referida autora, a partir do momento em que se declara que um bebê “é menina” ou “é menino”, instaura-se uma lógica normativa de que o sexo da criança vai determinar o seu gênero e, “consequentemente”, em uma sociedade heteronormativa, esse sujeito, futuramente, terá que se relacionar afetiva-sexualmente com alguém de sexo diferente do seu.

Sendo assim, na intenção de compreender essa lógica e desdobrá-la no contexto social e educacional, torna-se válido discutir com maior profundidade os conceitos de *scripts* de gênero, que se referem às atribuições que são/estão sendo culturalmente definidas como masculino e feminino, produzindo assim diferenças que se desencadeiam na constituição corporal, nas expectativas que temos em torno desse corpo e como o vemos. Cabe destacar que tais significados são constituídos nas relações de poder e através de minuciosas técnicas de vigilância e regulação. Como lembram Felipe e Guizzo (2016), desde muito cedo as crianças vão compreendendo “o que é ser menino ou menina e o que é permitido a cada um/a”, afinal, desde que nascem, os bebês já recebem marcas que os identificam a partir das expectativas de gênero presentes na cultura. As roupas, as cores (seja do vestuário ou da decoração dos quartos), os acessórios, como laços, brincos e pulseiras, são alguns exemplos de marcadores da generificação. As brincadeiras e os brinquedos disponibilizados aos meninos e às meninas também se constituem como marcas dessa expressão identitária. Atualmente, muito se tem questionado a respeito das identidades de gênero e suas expressões, entendendo que estas estão vinculadas e submetidas a determinados jogos de poder.

Já as identidades sexuais, segundo Felipe (2012), dizem respeito ao campo afetivo-sexual, ou seja, a forma como os sujeitos vivenciam seus prazeres e desejos corporais, estabelecendo assim relações de afeto e/ou de interesse sexual para com os outros indivíduos, sejam eles do mesmo sexo (homossexuais), de

ambos os sexos (bissexuais), do outro sexo diferente do seu (heterossexuais), ou das mais variadas expressões de gênero (pansexual)<sup>4</sup>.

Outro ponto importante em relação à tríade sexo-gênero-sexualidade diz respeito a outras identidades consideradas transgressoras (BENTO, 2008), tais como: os sujeitos intersex (antigamente denominados de hermafroditas), as transexuais e as travestis. No primeiro caso, trata-se de um indivíduo que nasceu com genitália ambígua, tendo características dos dois sexos biológicos. Já as travestis fazem questão de viver na fronteira, ao assumirem e se identificarem com características físicas, sociais e culturais do outro gênero, o que não significa a negação do seu genital.

Para entender a transexualidade, é preciso reconhecer a complexidade existente em torno dos *scripts* de gênero rigidamente estabelecidos no âmbito da sociedade e da cultura que esta produz. Chamamos de transexuais aquelas pessoas que não se sentem alinhadas ao sexo e às expectativas de gênero que lhe foram atribuídas por ocasião do nascimento. Meninos ou meninas que não se reconhecem nesse corpo de nascimento e não se alinham às expectativas socialmente estabelecidas para o gênero que lhes foi atribuído (FELIPE; GUIZZO, 2016). Com o passar do tempo e de acordo com seus desejos, os sujeitos transexuais vão operando mudanças corporais, na tentativa de se sentirem alinhados ao gênero com o qual se sentem identificados. Portanto, tais transformações são apenas uma consequência desse sentir-se<sup>5</sup>.

Trazendo o enfoque para a questão da transexualidade, é pertinente ressaltar que as pessoas transexuais percebem que seus pensamentos e desejos não correspondem às expectativas socialmente estabelecidas para seus corpos, isto é, embora tenham nascido com um pênis ou uma vulva, elas não se reconhecem como homens ou mulheres, de acordo com aquilo que a sociedade considera ser próprio do masculino ou do feminino. Desse modo, as pessoas transexuais relatam ter essa sensação de estranhamento em relação ao próprio corpo, como se estivessem em um corpo “errado”. Essa não correspondência ou “incoerência” entre os corpos e as expectativas socialmente criadas, na medida em que

---

4 Felipe (2012, 2013, 2016) considera que a tentativa de definir as chamadas identidades sexuais na infância é, no mínimo, precipitada. Contudo, cabe-nos observar e refletir sobre os *scripts* de gênero que são produzidos, reiterados e impostos em suas mais diversas manifestações, desde a mais tenra idade. A autora tem chamado atenção para o fato de quanto as identidades (ou *scripts*) de gênero são, muitas vezes, confundidas com as identidades (ou *scripts*) sexuais.

5 Sobre essa ideia de sentir-se, o termo *cisgênero* ou *cis* tem sido usado para denominar os sujeitos que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído desde o nascimento (JESUS, 2012).

seus desejos, pensamentos e expectativas não coincidem com as imposições da cultura, levam os sujeitos a transformarem ou readequarem seus corpos como consequência desse “sentir-se”. No entanto, como observa Reidel (2013, p. 22):

Muitas vezes, transexuais sabem que se sentem do gênero oposto ao sexo biológico desde que são crianças, expressam o desejo de pertencer ao gênero oposto ao sexo biológico, preferem brinquedos ou brincadeiras do sexo biológico oposto, entre outras características que são percebidas ao longo de suas vidas. Por exemplo, um menino transexual pode expressar o desejo de se vestir com roupas de menino, ou preferir carrinhos a bonecas, ou gostar de futebol a brincar de casinha. Contudo, apesar de que transexuais muitas vezes apresentem estes desejos quando crianças, não necessariamente uma criança que expresse esses desejos é transexual.

Diferentemente da contingência estabelecida por Reidel (2013, p. 22), a filósofa feminista e ativista LGBT Beatriz Preciado (2013) escreve sobre a criança *queer*. Em seu texto “Quem defende/protege a criança *queer*?”, a estudiosa relata sua própria experiência e desgostos oriundos da violência sofrida no âmbito escolar, familiar e psiquiátrico. Afinal, ela também considera ter sido uma criança *queer*. Preciado estabelece uma forte crítica ao sistema heteronormativo que vigia e busca transformar as crianças em heterossexuais de forma compulsória.

Já Berenice Bento, em sua entrevista concedida a Diego Madi Dias (2014), critica a ideia de infância trans ou de criança *queer*, pois para ela, os sujeitos infantis são símbolo de amor, cuidado e proteção. Sendo assim, devemos deixar as crianças livres, pois elas possuem a necessidade de realizar experimentações. Nessa ação de experimentar, a criança transita e brinca com os gêneros.

A partir dessas conceitualizações, impulsionamo-nos a estabelecer meios que nos levem a compreender a experiência trans/*queer* e observar sua (in)existência de manifestação na infância. No entanto, se ao longo do tempo, tal sentimento de não correspondência ao gênero designado no nascimento persistir, os sujeitos transexuais poderão buscar uma adequação de seus corpos com a

imagem da identidade de gênero que possuem de si. Essa construção imagética de gênero se dá de várias formas, como, por exemplo, através dos tratamentos hormonais, vestuário e até mesmo o procedimento cirúrgico (cirurgia de redesignação sexual).

Entretanto, para refletir atualmente sobre a cirurgia de redesignação sexual<sup>6</sup>, cabe destacar que não é esse procedimento que define a identidade de gênero transexual, e sim, a forma com que a pessoa se identifica. Por isso, alguns transexuais optam por não se submeter à cirurgia. Todavia, há uma grande discussão política em torno da cirurgia, especialmente quando diz respeito ao aspecto da (des)patologização e de movimentos em prol dos direitos humanos que garantam a mudança dos documentos de identidades dos cidadãos e das cidadãs trans.

De acordo com Bento (2008), os indivíduos que vivem a experiência transexual são considerados doentes mentais pela medicina, mesmo sem ter nenhuma alteração cromossômica ou de qualquer outro tipo. Dessa forma, aquele sujeito que ousa cruzar a fronteira, relativizando as normas, é colocado à margem da sociedade e categorizado no plano da anormalidade, onde seu corpo é visto como abjeto (BUTLER, 1999; BENTO, 2008). Para Butler, a abjeção diz respeito àqueles corpos cujas vidas não são consideradas “vidas” que valham a pena.

Sobre o direito à identidade legal de gênero, encontramos outro embate que, de acordo com Bento (2010), se desmembra em dois blocos: o do reconhecimento e o da autorização. Para a pesquisadora, o legislador que patologiza a transexualidade defende maiores exigências para que o/a trans tenha direitos, enquanto para o que compreende a transexualidade no campo das identidades de gênero e dos direitos humanos, defende a diminuição dos obstáculos para a tão sonhada identidade legal.

Frente a todos esses aspectos apontados, a experiência transexual se configura clamando pela garantia de seus direitos, necessitando de olhares sensíveis e ações militantes.

---

6 Reidel (2013) explica que o processo cirúrgico de transexuais femininas consiste na produção da vagina e na execução de cirurgias plásticas para a construção dos pequenos e grandes lábios. Enquanto para os transexuais masculinos, a cirurgia consiste na histerectomia (remoção do aparelho sexual), mastectomia (retirada dos seios) e a construção do pênis. Ainda hoje a cirurgia mais complexa é a construção peniana, pois as técnicas cirúrgicas ainda são precárias.



Adentrando nesse território da pesquisa, desfazendo “pensamentos que cortam, separam, hierarquizam”, buscamos apoio em Paraíso (2012, p. 42) para explicar nosso percurso metodológico, que se assemelha a uma viagem em torno de um tema delicado e difícil, muitas vezes enigmático, que nos remete à temática da transexualidade e sua expressão na infância.

Dessa forma, optamos por trabalhar com sujeitos acima de dezoito anos, em função das questões éticas que envolvem a pesquisa com sujeitos menores de idade. Além disso, na medida em que se trabalha com os sujeitos infantis, estamos lançando um olhar performativo sobre eles, o que não vai ao encontro de uma perspectiva de contingência como já havíamos pautado. Sendo assim, resolvemos fazer entrevistas narrativas com pessoas trans, solicitando a elas que contassem suas histórias de vida, principalmente como percebiam suas vivências na infância, em especial nas escolas de educação infantil.

A busca pelos sujeitos da pesquisa, três mulheres trans e três homens trans, envolveu um trabalho intenso com base na rede de relações e na análise do “universo trans”, marcadas nos vestígios que elas e eles pontuam em suas redes sociais.

Para estabelecer um caminho metodológico que permitisse responder a nossa pergunta investigativa, apropriamo-nos de algumas pesquisas pós-críticas, em especial a de Sandra Andrade (2008), que articulou uma perspectiva etnográfica pós-moderna com a entrevista narrativa. A estudiosa debruça-se sobre os estudos de Jorge Larrosa, que compreende a narração como um processo de ressignificação do sujeito. Afinal, a narrativa sobre si mesmo é um processo de autointerpretação, ou seja, o que somos é o que contamos sobre nós mesmos, o que o pesquisador denomina experiência de si.

As entrevistas foram guiadas por um roteiro, todas foram gravadas e transcritas com o consentimento dos entrevistados. No início de cada encontro, procuramos explicar o procedimento. Além disso, buscamos firmar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo o sigilo ético e o uso para fins de pesquisa das informações. Entretanto, a pedido dos próprios entrevistados, não criamos nomes fictícios, pois todos quiseram dar visibilidade à sua experiência<sup>7</sup>.

---

7 A solicitação dos entrevistados em revelar seu próprio nome fez com que revisássemos os critérios propostos no Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Sendo assim, juntos optamos por excluir a seguinte informação: “Da segurança de que nenhuma pessoa será identificada e que se manterá o anonimato dos/as participantes”.

É importante destacar que a pesquisa é apenas um recorte de algumas narrativas de homens e mulheres trans, com as quais procuramos dialogar e entender suas experiências, sem, no entanto, generalizar ou fazer juízo de valor. A partir do que expressaram ao longo das entrevistas, procuramos mostrar a “contingência das evidências e a complexidade das operações” (LARROSA, 2011, p.82) de construção da infância dos participantes desta pesquisa.

Como pesquisadores preocupados em demonstrar a complexidade das infâncias, utilizamos, nesta análise, as considerações de Marcello (2015), agregando aqui o conceito de infância-esquecimento. Buscamos compreender, a partir do relato das memórias de nossos depoentes, a complexidade das experiências vividas na infância, em especial na escola. Dessa mesma forma, valemo-nos da concepção de infância-viagem, quando nos vamos transformando através da travessia de idas e vindas, de achados e perdidos, ou seja, das *transformações* que vão ocorrendo ao longo dos caminhos investigativos.

### “PORQUE EU ERA UM ASSUNTO A NÃO SER TOCADO”: DISCUTINDO SOBRE CRIANÇAS, INFÂNCIAS E TRANSEXUALIDADE

Para pensar acerca de transexualidade nas infâncias, adotaremos o caráter de contingência baseado em Jesus (2012), Reidel (2013) e Oliveira (2014), sustentando assim a metáfora do enigma que procuramos utilizar neste trabalho, afinal as pesquisadoras assinalam que a experiência trans nem sempre tem início na mais tenra idade. Isto não significa dizer que não devamos estar atentos às manifestações infantis em torno desta temática e os preconceitos que as crianças podem sofrer ao expressarem seus desejos e modos de ser e se comportar. Tal concepção se ratifica na medida em que o entrevistado e a entrevistada destacam:

*Marina: [...] Uma coisa que eu me lembro também é que sempre que a minha mãe saía comigo na rua, as pessoas perguntavam se eu era menino ou menina, pois eu tinha os traços femininos desde a infância. Até eu ficava me perguntando: “mas por que as pessoas ficam perguntando se eu sou menino ou menina?”. E eu sempre tive essa coisa muito forte assim.*

*(Entrevista em: 17/11/2015)*

*Nani: [...] Durante a minha infância, na verdade, não aparecia pra mim a transexualidade dessa forma assim. A transexualidade começou... eu comecei a entender o que era isso na minha adolescência.*

*(Entrevista em: 09/12/2015)*

Mesmo percebendo que a maioria dos entrevistados já apresentava na infância uma noção de que não correspondia ao gênero determinado no seu nascimento, o entrevistado Nani nos mostra que há uma variação nessa lógica, quando afirma que começou a entender a transexualidade na adolescência, o que “[...] apresenta-se fundamental para se pensar as variações de gênero infantis como não fixas, muito menos deterministas.” (OLIVEIRA, 2014, p.2658).

Por isso, não podemos deixar de lado a problematização de falas como a de Marina, quando enfatiza que a transexualidade sempre foi “algo muito forte” na sua constituição. Essa frase é expressa de outras formas, mas com o mesmo teor, em outras narrativas.

Assim, conforme demonstram desejos e compreensões sobre seus comportamentos e formas de se sentirem, os entrevistados vão demarcando fronteiras e transgredindo as normas sociais que a relação corpo-gênero-sexualidade impõe, mesmo que involuntariamente. Para Louro (2008), quem rompe a norma é sancionado por pedagogias corretivas. Neste sentido, o trabalho de Foucault (2013), ao discutir acerca do sujeito, das relações de poder e das estratégias de confronto, parece-nos bastante apropriado para analisar o quanto as infâncias aqui relatadas sofreram constantes regulações heteronormativas. Porém, estas crianças não ficaram passivas perante as regras e mesmo sem entender com grande propriedade o que estava acontecendo, já apresentavam estratégias de resistência, o que pode ser interpretado como marcação de confronto.

Nos depoimentos trazidos por homens e mulheres trans, foi possível observar uma diferença entre eles: enquanto as mulheres trans tiveram seus comportamentos mais regulados e causadores de conflitos e divergências familiares na infância e adolescência, os homens trans tiveram alguma margem de liberdade para transitar pelos *scripts* de gênero direcionados aos homens, o que mostra o quanto a educação dos meninos se dá de forma muito repressora, sendo exigido deles a demonstração de um comportamento heteronormativo desde a mais tenra infância (BELLO, 2006).

*Eric:[...] Mas até certo ponto, eu tinha uma liberdade. Só que a minha liberdade travava no reconhecimento dos outros. Porque daí eu podia ir lá, fazer umas lutas, um Jiu-Jitsu, um MMA, bater em todo mundo, mas ainda assim todo mundo me tratava como mulher. Isso não fazia sentido pra mim, mas era o que tinha disponível na época.*

*(Entrevista em: 09/12/2015)*

Nesse jogo de poder entre adultos e crianças, as variantes de gênero vão sendo fabricadas por meio de práticas repressivas e de silenciamento de determinados discursos para que no silêncio, o indivíduo infantil “esqueça” ou “altere” o *script* de sua constituição identitária.

Diante dessa impotência e falta de autonomia para posicionar-se perante a sociedade, nota-se que as crianças mesmo assim criam estratégias de subversão por meio das brincadeiras e do imaginário, o que as fortalece enquanto sujeitos, demarcando-desestabilizando<sup>8</sup> os *scripts* de gênero construídos socialmente. Guerra (2005) mostra o quanto as brincadeiras infantis podem se constituir em estratégias importantes para que as crianças organizem seu mundo e apropriem-se das relações com outras crianças e adultos. Para a pesquisadora, as crianças são capazes de habitar os mistérios do mundo com tamanha sensibilidade, inventando ou imaginando jogos que desencadeiam a descoberta de si e do outro, escapando dos limites que os adultos tentam impor. Tal estratégia pode ser percebida na fala de Eric, ao dizer:

*Eric: [...] Então era só o que eu podia fazer, imaginar isso. Eu não tinha autonomia nenhuma sobre a minha expressão, digamos.*

*(Entrevista em: 09/12/2015)*

A partir dos depoimentos aqui apresentados, é possível perceber o quanto as crianças se valiam de estratégias para estarem próximas ao gênero desejado, executando brincadeiras tidas como “próprias” do gênero ao qual elas desejavam pertencer. Louro (2011a) mostra como a sociedade trabalha para a produção das identidades de gênero tidas como “normais”, na medida em que apresentam determinados interesses, de desenvolver habilidades ou saberes

8 Utilizaremos aqui o termo demarcar-desestabilizar os *scripts* de gênero, por entendemos que na medida em que o/a trans expressa um gosto ou comportamento tido como sendo do gênero diferente ao seu sexo biológico, ele/ela está demarcando um *script* de masculinidade e/ou feminilidade e ao mesmo tempo desestabilizando as normas propostas para cada gênero.

compatíveis com as referências socialmente admitidas para masculinidade e para feminilidade, o que repercute significativamente no processo performativo dos sujeitos trans.

## AS HIPÓTESES SOBRE O CORPO E O DESEJO DE APAGAMENTO DAS MARCAS DO BIOLÓGICO

Um dos aspectos comuns nas entrevistas foi perceber as hipóteses que as mulheres e os homens trans criavam, quando ainda eram crianças, na tentativa de explicar a si mesmos sobre a condição de seus corpos.

*Valéria: [...] Porque eu fui descobrir que não era mesmo, assim ter essa certeza lá com nove anos. Que eu achava que ia “cair”, né? Eu fui tomar banho com a minha mãe e eu vi ela sem roupa e perguntei: “Mãe, que que é isso?” E a mãe achou que eu tava falando dos pelos pubianos dela, e ela disse: “Ah, quando tu crescer, tu vai ter também!” Aí fiquei com aquilo na minha cabeça um tempo... E eu tinha uma tia que tinha uma verruga no nariz, e aquela verruga ia e voltava, ia e voltava. Aí eu juntei as duas histórias e pensei “Ah, vai cair quando eu crescer!” Até que lá com 8, 9 anos uma colequinha disse pra mim: “Não, não cai. Meu pai tem isso até agora!” E aí eu lembro disso assim.*

*(Entrevista em: 15/12/2015)*

Outro aspecto que marca a infância, especialmente dos homens trans, é que nas brincadeiras de faz de conta, bem como nas situações que demandavam a representação de algum personagem, havia a manifestação de interesse em figuras de animais ao invés de seres humanos.

*Eduardo: Quando eu tava com 5 anos, minha mãe fez um bolo e queria botar uma bonequinha. Só que eu tentei uma opção de pedir um pato, porque daí é mais fácil, do que pedir um bonequinho no meu bolo. Que seria da cor do bonequinho, e o pato por sinal, ele era verde. Ao invés de ser rosa como seria a bonequinha, meu bolo acabou sendo verde, com um patinho. Eu me senti mais feliz!*

*(Entrevista em: 09/12/2015)*

Através deste relato, é possível perceber algumas interessantes estratégias de fuga em relação aos ditames de identificação estabelecidos socialmen-

te em relação aos gêneros nos indivíduos trans. Outro aspecto a ser pontuado é de que as brincadeiras se constituem socialmente como marcadores generificados, o que se assemelha às concepções de Bento (2008), quando aponta que os brinquedos produzem o feminino e o masculino, funcionando como próteses identitárias. Bello (2006) expande nossos conceitos quando salienta que brinquedos e brincadeiras são instrumentos de poder, acionados constantemente para produzir/definir formas de gênero.

Portanto, relembrando o caráter contingente da transexualidade que pode se expressar na infância, finalizamos essa seção interrogando em que medida a criança está expressando seus desejos, quando brinca ou diz algo que não corresponde às expectativas, evocando assim uma ruptura na norma vigente ou simplesmente expressando e construindo sua identidade trans?

Acreditamos que para essa interrogativa nos cabe a tarefa de empoderarmos cada vez mais as crianças, sem estabelecer rótulos e procurar construir um ambiente educativo mais acolhedor às diferentes identidades.

## “TODOS OS DIAS TEM AULA DE GÊNERO”: REESCREVENDO OS SCRIPTS E CONSTRUINDO DE UMA REDE (IN)FORMATIVA NA ESCOLA

Os relatos denotam as práticas disciplinares que a instituição escolar emprega. As filas, os banheiros de meninos e meninas são alguns exemplos de expressões sexistas que a escola adota e naturaliza no seu cotidiano. As marcas do preconceito também podem ser entendidas como formas de vigilância e punição que, pelo viés heteronormativo, se configuram como um “resgate” para a heterossexualidade para aquelas crianças que manifestam a variação de gênero.

*Débora: [...] Só que na escola, eu tinha que ir vestido de menino, na escola teve bastante desconforto. Por exemplo, assim oh, eu lembro que no primeiro ano eu evitava ir ao banheiro dos meninos, eu tinha 6 anos de idade. Porque os meninos eram muito vulgares, falavam palavrão, mexiam comigo e eu evitava.*

*(Entrevista em 27/02/2016)*

Mesmo diante de todo o sofrimento que as memórias escolares trazem para os/as entrevistados/as, eles/elas manifestam o desejo de uma escola que se

preocupe com a equidade e que permita à criança usufruir da sua liberdade de ser aquilo que ela deseja ser.

Essas ideias compõem exemplos que dão sentido para o conceito de escola inclusiva empregado nos estudos de Junqueira (2012, p.85).

[...] Uma escola inclusiva, um espaço livre, seguro, educativo e de qualidade. Experiências que consideram que corpos, sexualidades, sujeitos, padrões culturais, normas, valores e relações humanas não constituem realidades naturais e imutáveis, mas construções em contínua transformação [...].

Entretanto, para que essas ações se concretizem, necessitamos investir na (in)formação do corpo docente e das famílias das crianças.

Como afirmam os/as depoentes, é importante estabelecer redes informativas de solidariedade, para promover discussões sobre esses temas, buscando entender a complexidade das identidades de gênero. Em última análise, estaremos contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. Contudo, compreendendo todo o potencial e caráter da linguagem na constituição social, bem como a necessidade de traçarmos reflexões sérias em prol de temas como a transexualidade, seja no meio acadêmico, de formação docente, na área da saúde, nas mídias, etc. Assim, a homofobia, com os discursos naturalistas e sexistas, poderá ser “combatida” com uma rede de informações sólidas e com a troca de experiências que possam orientar acadêmicos, professores, famílias e sociedade em geral. E nesse contexto, a escola pode-se inserir como palco dessa mediação e articulações com outras instâncias.

Por isso, como sugere Louro (2011a), é necessário investir em uma formação profissional mais consistente e aprofundada, capaz de produzir reflexões para compreendermos as construções identitárias desde a infância. A diversidade deve ser entendida não como um problema, mas como parte do humano, em toda a sua complexidade. Dessa forma, não estamos eliminando as diferenças, mas analisando sua pluralidade (contingente, escorregadia, relacional, provisória) e ampliando nossos conhecimentos na troca com crianças, famílias e profissionais de outras áreas. Afinal, todos os dias nos deparamos com questões de gênero nas nossas escolas.

Realizamos aqui um exercício de análise das infâncias, valendo-nos da perspectiva de infância-esquecimento e infância-viagem, compondo assim uma reflexão que se estenderá permanentemente na nossa trajetória pessoal e profissional.

Refletir sobre a constituição da identidade nas infâncias e a contribuição da escola nesse processo, a partir das teorizações de gênero e dos Estudos *Queer*, não foi uma tarefa fácil. Enfatizamos ao longo dessa pesquisa muitos desafios que precisam ser enfrentados no âmbito social e escolar, a fim de garantirmos a liberdade de expressão das nossas crianças e a potencialização de uma escola mais inclusiva e preocupada com a pluralidade e singularidade de seus educandos, conforme ressaltam Junqueira (2012) e Louro (2011).

Dentre os elementos que emergiram ao longo da investigação, percebemos a transexualidade como uma expressão identitária, de caráter contingente, que não cabe mais escondê-la ou patologizá-la, seja na sociedade, seja na instituição escolar. Contudo, compreendemos que essas ações caracterizam os jogos de poder que se configuram como um biopoder que se baseia na heteronormatividade, vigiando, regulando e retendo tais manifestações com a lógica arbitrária de dar continuidade à espécie. (WEEKS, 1999).

Nesse sentido, instaura-se uma constante vigilância das crianças desde muito cedo. Assim, os sujeitos infantis que por ventura expressem alguns modos de ser e de sentir, que se configurem como sinais de transexualidade, sofrem constantes sanções para que se identifiquem com o gênero que lhe foi designado por ocasião do nascimento, a partir de uma matriz biológica, ratificando a ordem arbitrária de sexo-gênero-sexualidade tão criticada por Butler (1999) e Bento (2008). Além disso, as regulações se pautam em uma lógica tão sexista, binária e engessada, que mesmo tentando analisar por esse prisma, torna-se difícil perceber a diversidade de masculinidades e feminilidades presentes na nossa sociedade. Sendo assim, podemos ampliar essa consideração e pontuar que, infelizmente, os brinquedos e brincadeiras são generificados. No caso dos/das entrevistados/as, pudemos perceber que essa norma de gênero é também impregnada na cultura lúdica deles/delas. Sendo assim, brincar com objetos e criar fantasias, que reforçam padrões heteronormativos e que não correspondem ao seu sexo biológico, é entendido não só como uma manifestação da infância, mas também como uma subversão das normas estabelecidas.



Pudemos compreender que a escola, por sua vez, se caracteriza como uma instituição biopolítica, que sustenta os preceitos heteronormativos e dá continuidade ao cumprimento de vigiar e regular os sujeitos infantis que “cruzam a fronteira” estabelecida pela norma.

Diante de tal dilema, faz-se necessário produzirmos materiais teóricos e informativos que reflitam junto com a sociedade e a comunidade escolar acerca da diversidade sexual e de gênero. Também salientamos a extrema importância de problematizarmos essas questões junto aos professores e equipes diretivas, tanto nos cursos de formação inicial quanto continuada. Isso, certamente, repercutirá em práticas pedagógicas que tenham princípios de liberdade e respeito com as crianças que se encontram nas nossas escolas de Educação Infantil.

Concluímos com a convicção de que ainda temos muito a percorrer, cambiar, suspender as certezas e analisar os arranjos e desarranjos que constituem a perspectiva que temos acerca dos sujeitos infantis.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos**: homens por vir? 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. Identidade legal de gênero: reconhecimento ou autorização? In: COSTA, Horácio *et al.*(Org.). **Retratos do Brasil homossexual**: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOUIRO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. In:

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 475-497, dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332014000200475&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332014000200475&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 dez. 2015.

FELIPE, Jane. Sexualidade na infância: dilemas da formação docente. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 47-58.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Rompendo com os *scripts* de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca (Org.). **Educação, transgressões e narcisismos**. Canoas/RS: Ed. da Ullbra, no prelo.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada. Infâncias, gênero e sexualidade: articulações possíveis. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada. **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. Ullbra, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Humberto L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 273-295.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUERRA, Judite. **Dos “segredos sagrados”**: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Cotidiano escolar, heteronormatividade e homofobia: por uma ampliação dos horizontes pedagógicos, ou quem tem medo de novos olhares na escola. In: XAVIER FILHA, Constantina (org). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 59-88.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da**

**educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. p. 35-86.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2011a. p. 43-53.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Infância-esquecimento, Infância-viagem: Foucault e a ética da pesquisa com crianças. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 127-141, jan./abr. 2015.

OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. **Fronteiras, tensões e prazeres na vivência infanto-juvenil de gênero:** um estudo etnográfico e “mãe-biográfico” a respeito da vivência trans durante a infância. In: REDOR, 18., 2014. p.2643-2660.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar E. E.; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PRECIADO, Beatriz. **Quem defende a criança *queer*?** Liberation, 2013. Artigo publicado em 14 jan. 2013 em:<[http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfantqueer\\_873947](http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfantqueer_873947)> e <<http://artilleriainmanente.blogspot.mx/2013/01/beatriz-preciado-quien-defiende-almnino.html>>.

REIDEL, Marina. **A pedagogia do salto alto:** histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. Para se pensar sobre a experiência transexual na escola: algumas cenas. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v.6, n.7, jan./jun. 2012.

SILVA, Alexsander Lima da; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Transexualização em narrativas de histórias de vida sobre a infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 484-508, 2015.

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **“Homossexuais são...”**: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35–82.